

SBPC debate cerrado para tentar salvar região

Reunião em Minas vai discutir lavoura da soja e outras ameaças ao segundo mais significativo ecossistema da América do Sul

ANNA MUGGIATI

Embora ocupe originalmente um quarto do território brasileiro, tenha uma biodiversidade riquíssima e seja o segundo ecossistema da América do Sul, o cerrado é um ilustre desconhecido. O alerta está sendo feito por pesquisadores que discutirão o aproveitamento racional do cerrado no século 21, em reunião especial a ser realizada em Uberlândia (MG), no próximo dia 10, pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC).

Segundo estatísticas, 46% da cobertura vegetal natural do cerrado já foram eliminados. Nunca a regra do *é-preciso-fazer-algo-antes-que-seja-tarde-demais* pôde ser tão bem aplicada: "Dos 75% da vegetação original registrados em 1964 na região do município de Uberlândia, só restavam 15%, em 1988. No último mapeamento, a redução já havia chegado a 11%", conta o geógrafo Samuel Lima, exibindo os números do desmatamento no cerrado.

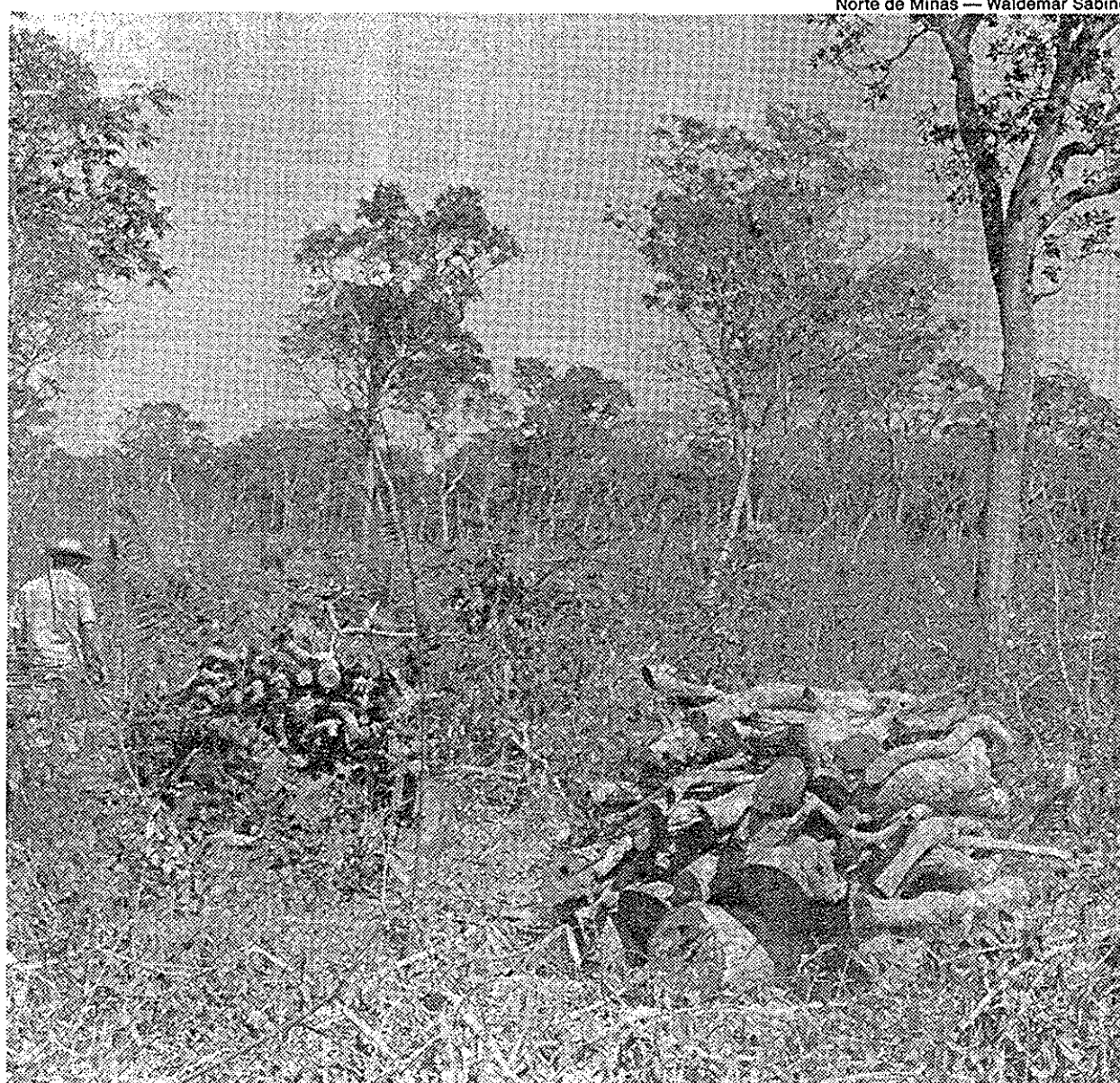
"Em 1945, o portal do cerrado era em Rio Claro, Minas. Hoje, Uberlândia virou a entrada do cerrado, e isso tudo aconteceu sem que soubéssemos que espécies haviam lá", lamenta o biólogo Warwick Kerr, membro da Academia Nacional de Ciência dos Estados Unidos e ex-diretor do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (INPA). Técnicos

lembram que a aceleração da devastação ganhou força em 1970, quando a soja começou a ocupar os territórios planos do cerrado. A criação extensiva de gado — ao contrário do que ocorre na Amazônia, onde a floresta é substituída pelos pastos —, sempre foi tradicionalmente ligada àquela vegetação.

"Os impactos do plantio de soja são muito maiores porque envolvem a erosão dos solos e a drenagem de rios", sustenta a geomorfóloga Suely Regina del Grassi. É a lavoura de soja que pode ser considerada também um dos maiores atropeladores da pesquisa científica na área da ecologia: "Além de todos os efeitos visíveis, como as vossorocas, ainda há o envenenamento com agrotóxicos, que afeta animais e a qualidade da água e do solo", explica Samuel Lima.

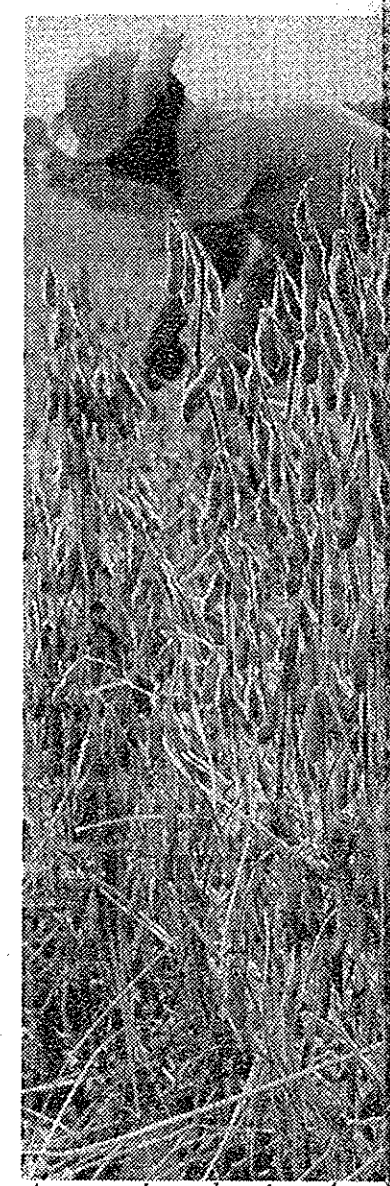
Outros pesquisadores lembram que a lavoura de soja é mecanizada em todas as suas fases. Antes do plantio, por exemplo, máquinas liquidam com a vegetação original, deixando a terra pronta para a aração.

O presidente da SBPC, Aziz Ab'Sáber, que fará uma palestra na abertura do encontro, já destacou a importância da região no livro *Cerrado Vastos Espaços*, no qual classifica a produção agrícola como imediatista demais para a fragilidade do ecossistema.



Norte de Minas — Waldemar Sabino

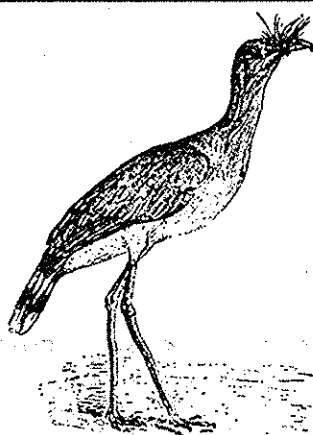
Rico em plantas com potencial medicinal e abrigo de variada fauna, o cerrado é alvo antigo dos lenhadores



A monocultura da soja está dominando a área do cerrado

ANIMAIS DO CERRADO

- Ema
- Seriema
- Lobo-guará
- Tamanduá-bandeira
- Veado-campeiro
- Tatu-canastra
- Lontra
- Bugio (ou guariba)
- Macaco-guigó
- Codorna-mineira
- Suçuarana
- Onça-pintada
- Jaguaritica
- Arara-azul-grande



Paisagem de 11 estados

Mais discreto do que a Mata Atlântica, o cerrado atravessa 11 estados brasileiros sutilmente. Por baixo da pálida savana, que se parece com a africana, raízes profundas sustentam a vida de flores multicoloridas e frutos com alto teor nutritivo, como o piqui, que cresce entre outros arbustos.

Cercando os rios, um corredor verde protege o curso d'água — é a mata ciliar, que tem função protetora, como os cílios para os olhos. Na mata, lobos-guarás, tamanduás e antas *passeiam*, ao alcance dos olhos de qualquer observador. Esta é a paisagem original e ideal dos cerrados. Aquela que era um dos cenários de Guimarães Rosa.

As monoculturas, porém, podem fazer este quadro tornar-se peça de museu. "As ilhas de vegetação que sobram são superpovoadas e disputadas pelos animais que, na ausência de terra, acabam

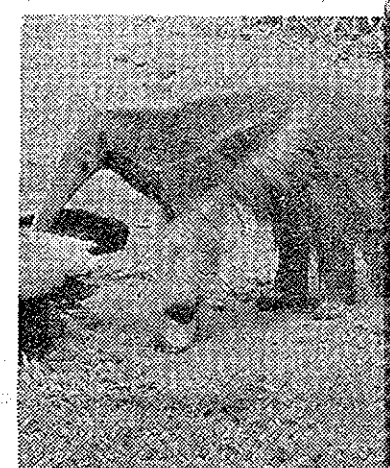
entrando em extinção", diz o veterinário Eduardo Beviláqua, que faz tese de mestrado sobre a imunologia do lobo-guará.

A perda de território de cerrado é para os bichos o mesmo que uma ordem de despejo para os homens. A monocultura exige a mecanização pesada que erode e compacta o solo, deixando a terra sem força. A perda dos cursos d'água para irrigação resseca o solo, deixando os animais *sem casa* e as plantas *sem chão*. Isso, sem falar no potencial de biodiversidade, que desaparece no ritmo do desmatamento.

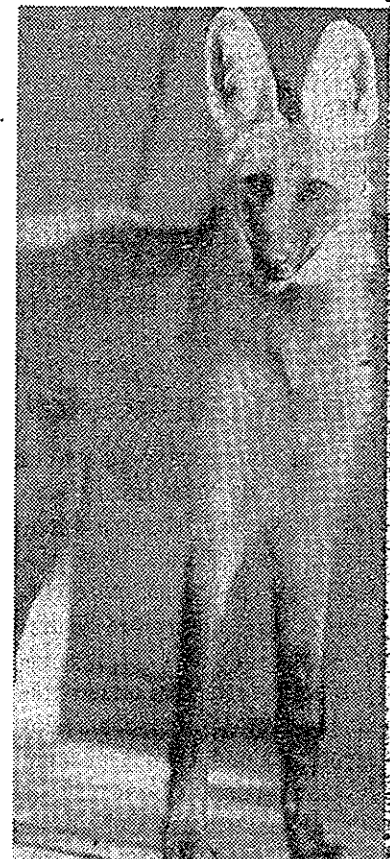
Em relação à vegetação, o que está se perdendo ainda é um enigma. "Com a acelerada ocupação da fronteira agrícola, podemos estar perdendo uma quantidade de plantas medicinais para sempre", conclui Warwick Kerr, da Universidade de Uberlândia.



Maior ave brasileira, a ema desapareceu de algumas áreas do cerrado, mas ainda é comum em outras



Na mata, o tamanduá passeia aos olhos de qualquer observador



Lobo-guará: em extinção